

Participação no V encontro internacional “a economia dos trabalhadores e trabalhadoras” e visita a Venezuela

Breve relato e reflexão, por Edi Benini

Estimados militantes

Antes de iniciar o meu relato e reflexão sobre minha visita a Venezuela, e do evento em geral, gostaria de expressar meus sinceros agradecimentos a todos, pela campanha começada pelo Jordão, e as ajudas e contribuições recebidas para esta minha incursão internacional. Gratidão!

Além do alívio financeiro, o apoio de vocês também teve a importância de consolidar a minha viagem como uma atividade do coletivo, logo, comprometida com a nossa causa, o que qualificou consideravelmente a minha participação no V encontro, inclusive até mesmo legitimando nossa presença.

Fiz questão de pelo menos um dia inteiro ficar com a camisa da Via SOT, e notei que o fato de colocarmos a América Latina no centro chamou muito a atenção. Nossa associação marcou presença, talvez de forma um pouco discreta, mas incisiva e serena.

Fui apresentar dois trabalhos, elaborando por dois grupos distintos de autores, mas que advém diretamente da nossa luta por uma nova sociabilidade em geral, e pela integração orgânica do trabalho associado (logo, fortalecimento da autogestão societária dos trabalhadores) em específico.

Começo destacando esse dois trabalhos, que tive a honra de representar e apresentar no encontro, a saber:

- AUTOGESTÃO ORGÂNICA SOCIOPRODUTIVA: PRÁXIS E METODOLOGIA PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA ECONOMIA DOS TRABALHADORES. Autores: Édi Augusto Benini; Liliam Deisy Ghizoni; Erika Porceli Alaniz; Karen Bettina Ikeda de Ortiz e Jordão Vieira Silva.

- SISTEMA COMUNAL, DIVISÃO DO TRABALHO E VALOR: ENSAIO SOBRE A REPRODUÇÃO SOCIAL AUTODETERMINADA. Autores: Gabriel Gualhanone Nemirovsky; Henrique Tahan Novaes; Elcio Gustavo Benini e Edi Augusto Benini.

Um parêntese: para mim foi muito gratificante essas duas experiências de construção coletiva do conhecimento, gostaria muito que consolidássemos tais práticas no seio da nossa associação.

O primeiro foi apresentado já no primeiro dia do evento, na quarta-feira (22/08), e o segundo foi apresentado na sexta (24/09). Tive dificuldades com o idioma, pois apesar da chamada do encontro indicava a permissão para se utilizar o português, na sala (e em todo o encontro) o idioma de quase 99% dos presentes era o espanhol. Dessa forma tive que apelar para o conhecido “portunhol”, auxiliado pelo projetor (recurso não presente na segunda apresentação).

Apesar a minha dificuldade com o idioma, acredito que fui bem compreendido (inclusive segundo depoimento dos presentes que elogiaram nosso esforço), mas perante alguns questionamentos mais complexos eu não consegui desenvolver bem a resposta, pois era complicado elaborar um raciocínio complexo, e ainda por cima tentar traduzir o mesmo para a linguagem corrente.

Em ambas as apresentações eu gostei muito da participação, com a sala lotada e debates estourando o horário estipulado, isso foi um pouco fortalecido pela fusão de mesas, devido a algumas ausências.

Como o perfil era mais de representantes de experiências (cooperativas, fábricas recuperadas, militantes partidários, empresas estatais sobre controle operário), o foco foi menos teórico e mais voltado para como cada experiência está enfrentando a problemática do capital ou do capitalismo, ou simplesmente como ela está sobrevivendo. Alias, penso que esse foi o elemento de continuidade em todos os debates, enfrentar e/ou superar a formação social-econômica capitalista.

Na minha exposição em particular, foi questionado sobre o que é “renda sistêmica” (acho que não consegui explicar adequadamente, pois acabei recorrendo à palavra “salário”, que também é renda em espanhol, logo, gerador de confusão), e sobre a questão jurídica organizacional (na Argentina, pelo que foi colocado por um pesquisador, não tem a disponibilidade da figura jurídica de associação privada, com ampla liberdade de formato e conteúdo), e também como se poderia haver uma organização do trabalho supranacional. Argumentei que isso seria possível, neste momento histórico, de forma similar a uma multinacional (uma empresa privada), porém, com propósitos e estrutura distintos (ou seja, uma base de propriedade social-orgânica, uma forma universal de distribuição-renda, e um sistema de conselhos autogestionários). Achei bacana que ninguém ficou questionando de quem é a ideia ou projeto, mas sim a sua consistência, metodologia ou estratégia.

Foi citando também nossa crítica a lei do valor, e a perspectiva da economia e sistema comunal. Gostei de ver que a questão da construção de comunas teve um espaço e valorização consideráveis, provavelmente potencializados pela lei nacional de constituição de comunas (inserção direta de Hugo Chávez), permitindo, com o suporte desta legislação nacional, que alguns territórios e coletivos de trabalhadores, na Venezuela, abrirem esse frente de luta.

Em várias mesas permeou a questão do Estado, no sentido de ser elemento necessário para a revolução socialista, mas também no sentido (o que criou certa polêmica), como um elemento que é necessário ser superado para a emancipação social. Dessa forma, muitos questionaram que sem o Estado não é possível haver uma regulação societária, enquanto outros colocaram que com o Estado não é possível uma integração global e emancipada dos trabalhadores.

Também houve várias críticas a lógica das cooperativas (e os Franceses foram bem incisivos nisso), colocando sua posição estrutural como ainda de caráter capitalista. Novamente penso que pouco se avançou na discussão sobre a determinação da lei do valor ou da subordinação ao intercâmbio mercantil, nesse ponto, arrisco afirmar que nós, da Via SOT, estamos mais avançados.

Em linhas gerais, reforçou minha leitura de que a Argentina está bem mais avançada (em relação ao Brasil) em termos de organização das fabricas recuperadas e cooperativas de trabalhadores, inclusive já entrando no terreno do cooperativismo de segundo grau, porém, reforço, ainda não questionando a determinação da lei do valor e a fragmentação territorial e organizacional das cooperativas, porém, colocando, pelo menos em debate, o problema do capitalismo.

Quanto ao evento em geral, percebi que houve algumas dificuldades na organização, a mesa de aberta em Caracas foi repetida (de forma desnecessária) em Punto Fijo, além do deslocamento muito cansativo e demorado de uma cidade para outra (540 km). Por outro lado, foi importante para conhecer também o interior da Venezuela, e as fábricas estatais sob controle operário (não entendi que são, a rigor, fábricas recuperadas) que visitamos em Punto Fijo, o que arejou muito o evento, enriquecendo os debates.

Falando agora um pouco sobre a Venezuela, ressalto antes que vou colocar o meu olhar, de forma muito limitada, pois passei apenas uma semana neste país, que tem uma complexidade inerente a qualquer território e povo.

O V Encontro “a economia dos trabalhadores” teve essa marca, além do local, a Venezuela foi tema central nos debates, contando com a presença intensa de pesquisadores, e o que achei mais positivo ainda, de operários, durante todo o evento.

Nota-se, ainda em Caracas, a forte campanha do governo em defesa da “revolução socialista”, do poder popular (todos os ministérios são assim denominados: Ministério do Poder Popular de Transportes, e assim por diante), inúmeras referências a Simon Bolívar (líder da guerra de independência da Venezuela e defensor de uma única nação latino-americana), como também a Hugo Chávez e ao atual presidente, Nicolas Maduro (esse em menor intensidade, inclusive sofrendo muitas críticas). Foi interessante notar que em vários órgãos estatais nacionais tem o slogan “Chávez vive, e a pátria segue”.

Para um olhar iniciar mais crítico, de fato incomoda um pouco essa propagando ostensiva exaltando por demais uma personalidade, presente em paredes, outdoors, ônibus, etc...

Entretanto, convivendo um pouco mais com eles, ouvindo populares anônimos, como também os venezuelanos presentes no encontro (pesquisadores e trabalhadores), a minha reflexão foi ganhando novos elementos de ponderação.

Primeiro há que se considerar que a Venezuela sofreu uma deformação profunda e histórica na sua organização industrial produtiva, por conta não apenas de ser um grande produtor de petróleo (é impressionante a presença de complexos e refinarias ao longo da costa do Caribe, logo, com grande facilidade logística), mas, sobretudo, por um direcionamento rentista promovido por uma classe na exploração deste recurso. Essa classe apenas sem preocupou em angariar os petrodólares e consumir produtos importados.

De fato mudar isso não é nada fácil. Percebe-se, porém, que desde que Chávez chegou ao governo, de fato ele colocou como prioridade na sua agenda enfrentar essa subordinação em específico, e a determinação do capital em geral. Houve inúmeras estatizações, nos setores de energia, transporte, telecomunicações, trazendo uma produção com preços baixos para a

população (talvez ainda precisando melhorar a qualidade). Eu particularmente achei baixo demais os preços administrados, uma opção para subsidiar o consumo (deve considerar que a renda da população é muito baixa), mas talvez comprometendo o investimento (que me parece que ainda é fortemente dependente da venda do petróleo).

Eles já estão inclusive produzindo celulares (a rigor montando), por meio de um convênio com os chineses (conversando com algumas pessoas tivemos o consenso que o desafio para eles estará em avançar na sua autonomia científica e tecnológica, pois os chineses não devem ter entregado todo o seu “segredo” industrial). Mas não deixa de ser surpreendente um celular custar 500 bolívars (pelo que me relataram), que fazendo uma conversão aproximada, é equivalente a R\$ 10,00 ou R\$ 15,00. De fato energia, combustível e celulares são bem acessíveis por todos.

O problema começa com os outros setores sob controle empresarial ou patronal. É real a crise de desabastecimento, que não chega a uma escassez crônica, porém, causa muitos transtornos para população, causando filas e dificuldades em comprar, por exemplo, água, papel higiênico, entre outros. Consegui localizar três explicações para isso:

A mais conservadora (que era dita principalmente por taxistas que, por acaso, cobravam mais caro também), a culpa é do governo, que devido ao controle de preços, vem desorganizando o investimento e a logística produtiva dos empresários.

Uma explicação ponderada reconhece que houve erros, principalmente por parte do novo presidente, Nicolas Maduro, que não tem tido habilidade política suficiente para equacionar os distintos interesses que disputam o governo. Isso resulta na burocratização excessiva no controle de preços (eles chamam de preço justo), o que tem fortalecido a oposição conservadora de orientação capitalista, logo, que faz oposição implacável ao processo de estatização e recuperação de fábricas promovido pelo governo, que não deixa de se auto intitular, em todo momento, como governo socialista revolucionário.

A terceira explicação, que completa a anterior, vinda de populares, militantes e dos taxistas mais barateiros, é que há um acirramento da luta de classes (em vários muros se vê pichado “guerra econômica”). Logo, muitos empresários, possivelmente com apoio ou financiamento externo, diminuem consideravelmente a destruição de produtos alimentares e necessidades básicas. Engraçado que eu não vi “desabastecimento”, por exemplo, de refrigerantes...

Me chamou muito atenção do grau de consciente crítica deles, do entendimento sobre a lógica capitalista, da luta de classes, e da necessidade de superação ou do socialismo. Inclusive com crítica ao próprio Estado (especialmente vindo das pessoas que estão militantes na construção de comunas).

Nesse sentido, arrisco dizer que Chávez de fato foi um exemplo e inspiração que os tirou da letargia, que instigou a luta contra-hegemônica, a busca pela emancipação, inclusive colocando em pauta (e dando respaldo estatal jurídico) a possibilidade das comunidades constituírem comunas! Inclusive, na apresentação dos trabalhos no evento, mesmo dirigentes das estatais questionam que a socialização não pode ser apesar na estatização de fábricas, mas sobretudo, no poder, no controle, no processo decisório enfim.

De fato, lá eu vi militantes que estudam, que criticam, com garra para lutar, que não deixam de colocar em pauta a superação do capitalismo, ainda que com muitas restrições e alguma desorganização, porém, de forma coerente e sincera, pelo menos essa foi minha percepção. O governo criou várias universidades bolivarianas, voltadas para a desalienação científica, inclusive eles têm uma universidade campesina.

Na Venezuela acredito que realmente se criou a esperança de se lutar e construir por outra sociedade (enquanto aqui no Brasil, ao meu ver, se fomentou a decepção, a adaptação, o fisiologismo e a resignação). Se eles vão conseguir é muito complicado colocar qualquer previsão, pois é uma luta colossal, histórica. Dentre os desafios que vejo, eu destacaria que eles precisam avançar na industrialização nacional/socialização ou controle popular de produtos da cesta básica, ampliar a produção interna de alimentos e produtos de primeira necessidade, avançar na autogestão e reduzir a burocracia, e o mais delicado, transcender a lei do valor.

Penso que, dentro dessa experiência que tive de uma semana, que a frase apresentando por seus militantes (quase uma campanha nacional), é verdadeira, é uma realidade, a saber, que a “Venezuela não é uma ameaça, mas sim uma esperança”.

Volto ainda mais convencido do enorme importância histórica de avançarmos em experimentos ou alternativas de organização socioprodutiva, que possam, de fato, colocar em xeque a lei do valor e a fragmentação/fissura intra-trabalho, provendo alguma base para podermos avançar do ponto de vista histórico societário, isto na perspectiva de justamente se criar novos espaços de inovação, de experimentação e de aglutinação, como também para se criar condições materiais e políticas para uma efetiva solidariedade supra-nacional dos trabalhadores, para além da alienação degradante (e desmobilizadora) do capital.

Saudações sotianas, logo, solidárias e libertárias!

Édi A. Benini